

21. Barreiras à esperança: a avareza

Uma outra postura oposta à esperança da qual devemos estar conscientes é aquela da avareza. Se a lamentação é frequentemente suscitada em nós pelo que nos falta, a avareza é o medo de ficar sem o que temos, um medo que nos leva a nos agarrar ao que possuímos. Mais do que o medo da falta, a avareza é o medo da perda. Às vezes, o avarento não tem nem mesmo medo de perder, de tão seguro que está de possuir definitivamente o que tem. É a insensatez do rico de que fala Jesus no Evangelho: “Havia um homem rico cujos campos produziam muito. E ele refletia consigo: Que farei? Porque não tenho onde recolher a minha colheita. Disse então ele: Farei o seguinte: derrubarei os meus celeiros e construirei maiores; neles recolherei toda a minha colheita e os meus bens. E direi à minha alma: ó minha alma, tens muitos bens em depósito para muitíssimos anos; descansa, come, bebe e regala-te. Deus, porém, lhe disse: Insensato! Nesta noite ainda exigirão de ti a tua alma. E as coisas que ajuntaste de quem serão? Assim acontece ao homem que entesoura para si mesmo e não é rico para Deus” (Lc 12, 16-21).

A avareza é acumular tesouros para si. É um vício solitário que nos torna cada vez mais sós, cada vez mais isolados, refugiados dentro dos muros que construímos para proteger esses falsos tesouros. O avarento se isola porque, para ele, os outros são sempre um perigo àquilo que ele possui. É como se, para ele, todos fossem ladrões em potencial que querem tomar dele os seus tesouros. Para o avarento, compartilhar, doar, significa perder sua segurança, perder aquilo que preenche o horizonte de seus desejos. Por isso, para ele, o pobre é o perigo número um, porque a indigência do pobre, sua necessidade de bens vitais, ameaça sempre seus bens supérfluos, dos quais ele não tem realmente necessidade para viver.

Devemos honestamente reconhecer que cada um de nós tem os seus próprios espaços mais ou menos grandes de avareza, os seus próprios celeiros inutilmente cheios e inutilmente defendidos; cada um de nós tem os seus próprios tesouros dos quais não está disposto a compartilhar. Até mesmo os pobres podem ser avaros uns com os outros. Esses tesouros podem ser bens materiais, mas muitas vezes também bens intelectuais e até espirituais.

São Bento, juntamente com os apóstolos e os pais do deserto e da Igreja, adverte com muita firmeza e intransigência contra esse vício. Seu capítulo sobre o vício de ter alguma coisa de próprio, ou seja, apenas para si, é tão afiado quanto uma navalha:

“Especialmente este vício deve ser cortado do mosteiro pela raiz; ninguém ouse dar ou receber alguma coisa sem ordem do Abade, nem ter nada de próprio, nada absolutamente, nem livro, nem tabuinhas, nem estilete, absolutamente nada, já que não lhes é lícito ter a seu arbítrio nem o próprio corpo nem a vontade; porém, todas as coisas necessárias devem esperar do pai do mosteiro, e não seja lícito a ninguém possuir o que o Abade não tiver dado ou permitido” (RB 33, 1-5).

É precisamente nesse capítulo da Regra que São Bento fala de esperança: “todas as coisas necessárias devem esperar do pai do mosteiro” (RB 33, 5). Usando esses termos, “esperar” e “pai”, a Regra educa a viver de modo teologal mesmo a relação com os bens materiais, ou seja, referindo-se a Deus, cuja paternidade o abade representa, recordando-nos, assim, de Deus que provê tudo para nós, assim como nutre as aves do céu e veste os lírios do campo (cf. Lc 12, 22-30).

É interessante notar como, nesse capítulo, São Bento nos ajuda a viver a relação com nossas necessidades reais, exprimindo na vida concreta nossos votos de obediência, pobreza, conversão monástica e estabilidade na comunidade: “todas as coisas necessárias devem esperar do pai do mosteiro, e não seja lícito a ninguém possuir o que o Abade não tiver dado ou permitido. ‘Seja tudo comum a todos’, como está escrito, ‘nem diga nem tenha alguém a presunção de achar que alguma coisa lhe pertence’ [cf. At 4, 32]” (RB 33, 5-6).

Os votos não são apenas um compromisso espiritual, correndo o risco de se tornarem abstratos. Eles devem ser encarnados em nossa vida real, e isso significa que a nossa pertença a Cristo deve dar forma à nossa relação com tudo, até mesmo com as nossas necessidades de coisas necessárias, como o alimento e as roupas. Mas com os votos, é a esperança que aguarda tudo de Deus que se encarna em nossa vida, em nossa carne, e se torna uma realidade palpável para nós mesmos e para os outros.

Se o avarento é o homem fechado em si mesmo, que perde a comunhão com os outros, o pobre que espera tudo do Pai é aquele que não teme compartilhar do que tem e do que é. Até mesmo seu corpo o recebe de Deus, de modo que ele não o considera apenas seu, mas um bem dado para realizar-se no dom, no serviço, na oferta de si, o que pode significar, por exemplo, oferecer o próprio cansaço, a própria doença e, para alguns, até mesmo o martírio.

A avareza é como uma gaiola que impede a esperança de voar. São Bento, seguindo Jesus, nos propõe que nos libertemos dessa tendência, educando-nos a pedir a Deus Pai o pão de cada dia e recebendo tudo Dele, através de quem o representa para nós. E cada um de nós é um representante do Pai para com os pobres que batem à sua porta. Não é apenas uma questão de dinheiro ou de bens materiais, mas de tudo o que me é dado e do qual o meu próximo precisa. Por exemplo, meu tempo, minha escuta, minha atenção, um sorriso, um serviço. Às vezes, nos é pedido que doemos nossa paciência, assim como o Pai é paciente conosco, ou nosso perdão. No entanto, mesmo em todos esses casos, nós nunca somos a fonte do que nos é pedido. Mas a nós é dada a esperança, o conhecimento em Cristo da bondade do Pai, e então somos chamados a viver a esperança também pelos outros, a esperar tudo do Pai, mesmo por aqueles que não o conhecem.

Como lemos na carta aos Hebreus: “Vivei sem avareza. Contentai-vos com o que tendes, pois Deus mesmo disse: Não te deixarei nem desampararei. Por isso é que podemos dizer com confiança: O Senhor é meu socorro, e nada tenho que temer. Que me poderá fazer o homem?” (Hb 13, 5-6; cf. Dt 31, 6; Sl 117,6).